

A EVOLUÇÃO E OS LIMITES DA INTELIGÊNCIA HUMANA NA VISÃO BERGSONIANA

Patricia Gonçalves¹

Maria Adriana C. Cappello²

RESUMO: O presente estudo pretende apresentar uma análise acerca da evolução da inteligência e seus limites, na obra do filósofo francês Henri Bergson. Para tanto, realizaremos uma revisão de literatura nas obras do autor que tratam sobre o tema, em especial na obra *A Evolução Criadora*³, tendo em vista que foi neste estudo, que em 1907, o autor já indissociava a evolução da inteligência humana da evolução da própria vida. Neste sentido, podemos afirmar que o problema que norteia nosso estudo é qual o trajeto evolutivo e os limites da inteligência humana sob a ótica bergsoniana? Assim, apresentaremos esta análise descrevendo inicialmente como o autor compreende a evolução da vida através de sua teoria da evolução criadora e, posteriormente, indicaremos as características que distinguem instinto e inteligência como formas diferentes de se adquirir conhecimento e interagir com o meio, para finalmente apresentarmos a inteligência como uma função limitada que tem como mecanismo de funcionamento ligar sempre o antigo ao novo que se repete, limitada a ação reprodutiva, enquanto o poder de criação através da intuição criadora é o que verdadeiramente nos possibilita criar algo novo.

PALAVRAS-CHAVE: Bergson, inteligência, instinto, evolução, limites.

ABSTRACT: The present study intends to present an analysis about the evolution of intelligence and your limits in the work of the French philosopher Henri Bergson. To this end, we will carry out a literature review on the author's works that deal with the theme, especially in the work *The Creative Evolution*, considering that it was in this study, that in 1907, the author already inseparated the evolution of human intelligence from evolution of life itself. In this sense, can we say that the problem that guides our study is what is the evolutionary path and the limits of human intelligence under the Bergsonian perspective? Thus, we will present this analysis presenting initially how the author understands the evolution of life through his theory of creative evolution and, later, we will present the characteristics that distinguish instinct and intelligence as different ways of acquiring knowledge and interacting with the environment, to finally present intelligence as a limited function whose working mechanism always links the old to the new that is repeated, limited to reproductive action, while the power of creation through creative intuition is what truly makes us create something new.

KEYWORDS: Bergson, intelligence, instinct, evolution, limits.

¹ Formada em Filosofia, Psicopedagoga e doutoranda na área de Cognição Aprendizagem e desenvolvimento humano.

² Professora adjunta do departamento de Filosofia da UFPR.

³ BERGSON, Henri. *L'Evolution Créatrice*. 80. éd, Paris: Presses Universitaires de France, 1957.

INTRODUÇÃO

O filósofo Henri Bergson, autor da teoria do *elã vital*, que em poucas palavras poderia ser definido como o movimento de criação que deu origem a todas as formas de vida, em sua obra *A evolução Criadora* sustenta a tese de que todos seres humanos, animais e todas as plantas partiram de um mesmo impulso. No decorrer da evolução, as diferentes formas de vida foram se distanciando ao mesmo tempo em que foram evoluindo. Às plantas coube a imobilidade e o fluxo da vida com o qual se alimentam e se mantém através da atividade clorofílica, produzida através da luz solar. Aos seres humanos, bem como aos demais animais que não possuem este tipo de organismo, coube a mobilidade para que pudessem procurar por energia adquirida através de outros meios (BERGSON, 2005).

Assim, no decorrer da evolução humana, diferentemente das plantas, nossos sistemas digestórios, respiratórios e nervoso foram se desenvolvendo, bem como nossas aptidões motoras. Mas, a linha evolutiva não se divide apenas em animais e plantas. Outra diferença que nos distingue, é o fato de que aos animais coube a ação instintiva e ao ser humano, a ação inteligente.

Através desta forma de agir no mundo, a saber, a inteligente, nos apropriamos da matéria, para que, como uma máquina de agir, construíssemos instrumentos que nos ajudam a lidar com as adversidades do meio, diminuindo nossos esforços e facilitando nossas ações, certos de que podemos esperar os mesmos resultados com as mesmas reestruturações da matéria. Nas palavras do autor,

isto se torna mais claro se nos recordarmos que nossas lembranças são, antes de tudo, as auxiliares da ação. Se uma situação na qual estamos requer uma ação imediata e a lembrança de certos nomes ou de determinados rostos para tornar a ação efetiva, eles nos veem subitamente. Assim, a inteligência ou a memória é uma função da vontade (BERGSON, 1972, p. 982).

E só fazemos isso porque diferentemente dos outros animais, não somos dotados de todos os instrumentos de que precisaremos para bem viver durante toda nossa vida e os produzimos através da inteligência que tem como característica o poder de fabricação (VIEILLARD-BARON, 2007).

Assim, depois de apresentarmos a hipótese bergsoniana sobre o impulso que deu origem a toda forma de vida e o funcionamento que possibilita o desenvolvimento de plantas e animais, este, através do instinto e a forma de ação

humana através da inteligência, passaremos para a apresentação do mecanismo com o qual ambos interagem com o meio, evoluem e encontram seus limites.

1. A EVOLUÇÃO E OS LIMITES DA INTELIGÊNCIA HUMANA

Bergson não afirma ser comungante do inatismo em sua integralidade, mas afirma que há algumas coisas que nossa inteligência conhece sem as ter aprendido. Em suas palavras, “*se considerarmos no instinto e na inteligência aquilo que contém em termos de conhecimento inato, descobriremos que esse conhecimento inato versa no primeiro caso sobre as coisas e no segundo sobre relações?*” (BERGSON, 2005, p.161).

Ele nos sugere pensar em um bebê que procura o seio de sua nutriz pela primeira vez para dele se alimentar. Em seus termos,

a criança que acaba de nascer não conhece nem objetos determinados nem propriedades determinadas de objeto nenhum; mas, no dia em que aplicarem na sua frente uma propriedade a um objeto, um epíteto a um substantivo, compreenderá imediatamente o que isso quer dizer. A relação do atributo com o sujeito é, portanto, aprendida por ela naturalmente. (...) A inteligência faz, portanto, naturalmente uso das relações de equivalente com equivalente, de conteúdo com continente, de causa com efeito, etc. (BERGSON, 2005, p.160).

A propósito desta passagem, a busca imediata do seio da mãe ao nascer, ainda não é o conhecimento de uma relação, mas de um objeto, a saber, o seio da mãe que poderá alimentá-lo. Esta é uma característica própria ao instinto, logo, presente em todo mamífero, facilmente observável. Relacionar atributo a um sujeito, ou seja, predicar, é o que caracteriza o ser humano desde que nasce. No entanto, esta primeira atividade de sucção, ao contrário da relação predicativa, é, segundo Bergson, um ato instintivo; o bebê nesse ato, age como o inseto que sabe qual área atingir de sua vítima, demonstrando conhecer uma propriedade (um objeto) e não uma relação.

Contudo, é importante salientar que a criança aprende coisas que nenhum animal vai aprender, ou seja, a estabelecer relações. Neste caso, a relação entre uma propriedade e seu objeto. O que nos leva a afirmar que mesmo que a ação do mamar seja, num primeiro momento instintiva, o ser humano, ainda na sua primeira fase de vida supera o animal no que diz respeito a atividade de

estabelecer relações e agir, baseado em experiências passadas em que obteve resultados satisfatórios.

Em outras palavras, no animal este desenvolvimento permanece estático, relacionado apenas ao reconhecimento de objetos, e no ser humano ele se expande ao estabelecimento de relações que envolvem outros atributos que o animal nunca desenvolverá (BERGSON, 2005). Nas palavras de François, a vontade consiste na “concepção de uma continuidade entre todos os nossos estados de consciência”, sendo difícil atribuir-lhe um estatuto de faculdade autônoma, separada de outras faculdades como a memória, a inteligência, a atenção etc.” (FRANÇOIS, 2008, p.48).

Neste sentido, é importante apresentarmos duas funções que, para o filósofo, são essenciais para que possamos adquirir conhecimento fazendo uso da inteligência: a dedução e a indução.

A primeira é definida como “*uma operação regrada pelas manobras da matéria*” (BERGSON, 2005, p.232). Ela sente-se à vontade com coisas exteriores como na física, na astronomia e, sobretudo, na geometria. Em seu exemplo:

(...) quando traço grosseiramente sobre a areia a base de um triângulo e começo a formar os dois ângulos da base, sei de um modo certo e compreendo absolutamente que, se esses dois ângulos são iguais, os lados também o serão, a figura podendo então girar sobre si mesma sem que nada se veja mudado. Eu o sei, bem antes de ter aprendido geometria. Assim, anteriormente à geometria científica, há uma geometria natural cuja clareza e evidência ultrapassam as das outras deduções (BERGSON, 2005, p.232).

Ele chama a atenção para o fato de que as questões de situação e de grandeza, que podem ser resolvidas através da inteligência exteriorizada em ações sem uma atividade reflexiva, são as primeiras que se põem para nossa atividade dedutiva, considerando seu caráter voltado à matematização e à geometrização próprios da inteligência.

Ainda sobre esta tendência à geometria, ele cita o exemplo de um selvagem que avalia melhor as distâncias por estar mais próximo daquela geometria natural, que o faria melhor aplicar o conceito de espaço no sentido da ação, pelo fato de viver em tal ambiente. Segundo o filósofo, a “*dedução não se dá, portanto, sem uma reticência de intuição espacial*”, (BERGSON, 2005, p.233) e é nesse sentido que enquanto se ocupa com o espaço, a dedução está à vontade.

Dito de outro modo, com relação aos aspectos físicos, astronômicos e geométricos, a dedução geométrica que caracteriza a inteligência se sente em casa, uma vez que, através da observação e da experiência, adquirimos princípios que serão úteis para lidar com as adversidades do caminho. Podemos concluir, com isso, que não há dedução, sem uma sombra de intuição espacial (BERGSON, 2005). Sobre a indução, o filósofo a define como uma operação intelectual e não apenas como um reflexo motor esperado pelo corpo. “*Esta, repousa sobre a crença de que há causas e efeitos, e de que os mesmos efeitos se seguem às mesmas causas*” (BERGSON, 2005, p.233). Para que ela ocorra, primeiro é preciso que a realidade seja decomponível em grupos que possam ser tomados em termos práticos por isolados ou independentes, o que nos lembra de mais uma das características da inteligência, a saber, o poder de decompor situações passadas em recortes que possam ser tomados como úteis para uma situação atual.

Bergson ilustra sua explicação, com o micro sistema formado pela panela e o fogareiro (BERGSON, 2005) em que, se coloco uma panela com água para ferver em um fogareiro, os objetos inseridos neste processo são solidários uns aos outros e também a uma série de outras operações. Mas para que meu objetivo se dê, que a água ferva, presumo que o grupo água-panela-fogareiro aceso se dê, como se fossem um microcosmo independente. E quando digo que este microcosmo se dará sempre da mesma maneira, ou seja, que o calor sempre provocará necessariamente, no mesmo espaço de tempo a ebulição da água, admito que ali, houve um sistema completo.

Assim, toda vez que repetir a mesma ação de colocar a panela com água para ferver sobre o fogareiro e aguardar o mesmo intervalo de duração, o que a experiência de ontem me mostrou voltará a ocorrer hoje e em qualquer outro dia (BERGSON, 2005). E para que tal operação aconteça é preciso que o tempo entre a experiência de ontem e a atual não seja considerado, como acontece na geometria, pois o resultado de uma soma obtida hoje será o mesmo dentro de qualquer espaço de tempo.

Com o exemplo do triângulo, a dedução apresentada acima é retomada e Bergson acaba por revelar a superposição entre dedução e indução, ambos modos de pensar inteligente calcados em última instância, na espacialização. Retomando o exemplo citado, se traço dois lados idênticos de um triângulo, o terceiro lado sempre surgirá por si mesmo, completando a forma geométrica. Ele sintetiza as operações:

de fato, quando digo que minha água colocada sobre meu fogareiro irá ferver hoje como o fazia ontem, e que isto é de uma absoluta necessidade, sinto confusamente que minha imaginação transporta o fogareiro de hoje sobre aquele de ontem, a panela sobre a panela, a água sobre a água, a duração que se escolhe sobre a duração que se escolhe e que, desde então, o resto parece ter também de coincidir, pela mesma razão que faz com que os terceiros lados de dois triângulos que se superpõem coincidam se os dois primeiros lados já coincidem entre si (BERGSON, 2005, p.234).

Logo, para que haja indução, é necessário que o tempo não conte, pois o que me fará induzir algo hoje, é a comparação com o que aconteceu anteriormente, independente de quando isto tenha acontecido. Em outras palavras, indução é a capacidade de superpor as qualidades umas às outras, bem como as grandezas, de forma generalizável, que conduz a inteligência a induzir, pois retomando o primeiro exemplo, “*Se transporto idealmente o fogareiro aceso de hoje sobre o de ontem, constato sem dúvida que a forma permaneceu a mesma*” (BERGSON, 2005, p.235).

E de acordo com o filósofo, é no espírito que criamos nossas induções e deduções. Criamos nas coisas uma ordem, e esta ordem, nossa indução auxiliada pela dedução a reencontra, uma vez que esperamos sempre das mesmas causas os mesmos efeitos, comparando assim nossa ação sobre a matéria com a própria geometria. Logo, quando imaginamos que estamos agindo de forma autêntica e criadora, estamos nos baseando em atitudes e consequências anteriores que nos mostram um panorama do que possivelmente teremos como resultados e decidimos pelo que essas experiências nos trazem, não apenas pelo presente. “*(...) Que antecedentes determinados tragam um conseqüente determinado, calculável em função deles, eis o que satisfaz nossa inteligência. (...) Nossa inteligência aqui está inteiramente à vontade*” (BERGSON, 2005, p.171).

Assim, a repetição na qual baseamos nossas generalizações é essencial na ordem física, pois nossa inteligência está destinada a sempre ligar o mesmo ao mesmo, mas é acidental na ordem vital. Nesta, a ordem dos sistemas e as formas de lidar com o meio foram se dando ao acaso, uma vez que, com a evolução e com a hereditariedade, não se transmite apenas as características de um indivíduo, mas também o impulso vital. E como este impulso continua criando a todo instante, as formas herdadas poderiam ser bem diferentes a cada espécie, como pode acontecer nos animais, de acordo com suas especificidades em conformidade com as novas necessidades apresentadas pelo meio. De acordo com o estudioso,

a hereditariedade não transmite apenas as características; transmite também o elã em virtude do qual as características se modificam, e esse elã é a própria vitalidade. É por isso que dizemos que a repetição que serve de base às nossas generalizações é essencial na ordem física, acidental na ordem vital. Aquela é uma ordem 'automática'; esta é, não diria voluntária, mas análoga à ordem 'voluntária' (BERGSON, 2005, p.251).

São duas formas de se relacionar com a vida, diferenciadas pelo grau de consciência. No ser humano, é através da consciência que podemos distender o real, recortar o passado e equivaler com a ação presente, criando uma ordem física necessária. Isso só é possível através da inteligência, que possibilita esta visão retrospectiva em consequência à consciência distinta que nos acompanha. Pois, para que nossa consciência coincidissem com algo de seu princípio, seria preciso que se desprendesse do *já pronto* e se prendesse ao *se fazendo* (BERGSON, 2005, p.258). Dito de outro modo, há apenas um princípio, mas dois sentidos, e a consciência inteligente vai no sentido oposto ao do seu próprio princípio criador.

Assim, quando recolocamos o nosso ser no nosso querer, e este, no impulso que se prolonga, compreendemos que a realidade é um perpétuo crescer, uma criação que continua sem fim. Desta forma, para o filósofo, *“A consciência que nos é própria, é a consciência de um certo ser vivo, localizado em um certo ponto do espaço; e, embora vá realmente na mesma direção que seu princípio, é incessantemente puxada no sentido inverso, obrigada, ainda que caminhe para frente, a olhar para trás”* (BERGSON, 2005, p.258). Ainda de acordo com o autor, para que pudéssemos agir de forma livre,

seria necessário ir mais longe do que nossa natureza está acostumada a avançar. Em suas palavras,

na ação livre, quando contraímos todo nosso ser para lançá-lo para frente, temos a consciência mais ou menos clara dos motivos e dos móbeis e mesmo, a rigor, do dever pelo qual estes se organizam em ato; mas o puro querer, a corrente que atravessa essa matéria comunicando-lhe a vida é algo que mal sentimos, algo que no máximo roçamos de passagem (BERGSON, 2005, p.258).

Dito de outro modo, se por um lado nossa inteligência é feita para agir sobre a matéria com base na dedução de experiências passadas, ela enxerga uma complicação na organização que existe no movimento, pois o espírito, com a faculdade de compreender o que é imanente à faculdade de agir, age sobre a matéria, mas ao mesmo tempo não é livre para criar, justamente porque está destinado ao trato com o inerte para sua ação prática. O filósofo tenta resolver esta questão, afirmando que o impulso da vida é uma exigência da criação, mas que não pode realizar uma criação completa porque encontra pela frente a matéria que, para ele, é o seu movimento inverso. Entretanto, dela o ser humano faz uso, e tende a na matéria introduzir, ela que é necessidade, o máximo possível de indeterminação e de liberdade (BERGSON, 2006).

E, como afirmado acerca do funcionamento de nossa inteligência, é através da complexidade do sistema nervoso que somente nós, seres humanos possuímos, que isto acontece. Assim, a complexidade do sistema nervoso condiciona os outros sistemas do organismo, em razão do desenvolvimento simultâneo das atividades automática e voluntária. O que o leva a afirmar que, quanto maior for o desenvolvimento de seu cérebro e a consciência que o acompanha, maior a vontade, relacionando tanto o funcionamento da inteligência enquanto forma de ação no meio, como a forma de aprendizagem com o grau de consciência (BERGSON, 2005). Em seus termos,

assim, num organismo como o nosso, um número considerável de mecanismos motores está montado na medula e no bulbo, só esperando um sinal para libertar o ato correspondente; a vontade aplica-se em alguns casos, a montar o próprio mecanismo e, nos outros, a escolher os mecanismos a serem desencadeados, a maneira de combiná-los entre si, o momento do desencadeamento (BERGSON, 2005, p.273).

Neste sentido, a evolução da vida se dá de forma contingente, pois necessários são a acumulação gradual de energia e o gasto dessa energia para o equilíbrio vital. Sobre o movimento da evolução, o estudioso ressalta em seu texto que,

a parte da contingencia é, portanto, grande na evolução. Contingentes o mais das vezes, são as formas adotadas ou, melhor, inventadas. Contingente, relativa aos obstáculos encontrados em tal momento, a dissociação da tendência primordial em tais ou tais tendências complementares que criam linhas divergentes na evolução. Contingentes as paradas e os recuos; contingentes em larga medida as adaptações (BERGSON, 2005, p.276).

Bergson também justifica com esta hipótese - a de que a evolução da vida se deu de forma contingente - que outras formas de vida poderiam ter surgido, se a evolução tivesse tomado outro rumo, senão o conhecido por nós. Ele retoma o conceito de elã vital e esclarece que este é apenas uma imagem utilizada por ele para ilustrar a origem da vida. Em suas palavras,

(...) é apenas uma imagem. A vida, na verdade, é de ordem psicológica, e é da essência do psíquico envolver uma pluralidade confusa de termos que se interpenetram. (...) Unidade e multiplicidade abstratas são, como se preferir, determinações do espaço ou categorias do entendimento, espacialidade e intelectualidade sendo decalcadas uma da outra (BERGSON, 2005, p.178).

É neste sentido que o filósofo afirma que o impulso vital não é unidade nem multiplicidade puras, e que, se a matéria à qual se comunica lhe exige que opte por uma das duas, sua opção nunca será definitiva: saltará indefinidamente de uma para a outra. Citando-o:

sou portanto (...) unidade múltipla e multiplicidade una; mas unidade e multiplicidade não são mais que vistas tomadas de minha personalidade por um entendimento que aponta para mim suas categorias: não entro nem em uma nem em outra, nem nas duas ao mesmo tempo, ainda que as duas, reunidas, possam dar uma imitação aproximativa dessa interpenetração recíproca e dessa continuidade que encontro no fundo de mim mesmo (BERGSON, 2005, p.280).

E para compreendermos a evolução da vida, chamada por Bergson de *marcha para a reflexão* (BERGSON, 2005, p.283), recorremos a consciência que nos acompanha, uma vez que, como explicado alhures, no ser humano ela está presente em um grau muito mais desenvolvido do que nas demais espécies. Sobre este salto para a consciência, cito mais uma bela metáfora bergsoniana, “(...) *na ponta do alto trampolim sobre o qual a vida havia tomado seu elã, todos os outros desceram, achando a corda estendida alto demais, apenas o homem saltou o obstáculo*” (BERGSON, 2005, p.283). O que esclarece o afirmado no início, acerca do fato de que a teoria da evolução da vida e a teoria da evolução da inteligência não podem ser dissociadas, uma vez que no ser humano, e apenas nele, são dadas as condições necessárias para compreender este processo de evolução.

Em outras palavras, podemos afirmar que para agir sobre o mundo e ter consciência de que está agindo, a inteligência humana, através de seu caráter generalizável, procura relacionar experiências passadas às atuais e agir sobre a matéria, e que continua saltando rumo a sua própria superação. Para Bergson, “A partir do dia em que a inteligência, refletindo sobre suas manobras, percebe-se a si mesma como criadora de ideias, como faculdade de representação em geral, não há objeto do qual não queira ter ideia” (BERGSON, 2005, p.173).

No momento em que atinge esta condição, à inteligência não cabe mais apenas o exercício da fabricação através da matéria bruta da qual tem domínio relacionada a ação prática: ela passa a preocupar-se com o domínio da vida e do pensamento. Ela apropria-se da linguagem para estender seu campo de atuação e para disseminar seus novos conhecimentos, libertando-se do domínio prático da inteligência, almejando saltos mais altos. O que nos leva a afirmar que a inteligência leva para esses campos, da vida e do espírito, os mesmos moldes forjados na ação, acabando por especializar esses campos.

Em outras palavras, podemos afirmar que nossa forma de obter conhecimento sente-se à vontade com o antigo que se repete. Satisfazemo-nos em recompor o mesmo com os mesmos elementos para obtermos os mesmos resultados, uma vez que nossa inteligência aprecia a associação de ações e efeitos antigos, aos mesmos resultados esperados (BERGSON, 2005).

Entretanto, também podemos afirmar que a fabricação do que se faz necessário para nossa sobrevivência não é a única possibilidade para a qual nossa inteligência está voltada. Na teoria bergsoniana, na linha de evolução da vida, a inteligência é um momento da evolução, podendo haver assim uma superação desta característica que hoje nos exprime, e a abertura de espaço para a criação. Na criação não há esta medida proporcional entre causa e efeito,

como na fabricação que está relacionada à sobrevivência. Não é um domínio sobre algo que beneficia a humanidade que se espera, nem é buscado apenas mais um resultado prático sob a própria invenção. Para ele,

ainda que extraíamos uma vantagem imediata do objeto fabricado, como poderia fazê-lo um animal inteligente, ainda mesmo que essa vantagem fosse tudo que o inventor procurava, ela é pouca coisa perto das ideias novas, dos sentimentos novos que a invenção pode fazer surgir por todos os lados, como se tivesse por efeito essencial nos alçar acima de nós mesmos e, ao fazê-lo ampliar nossos horizontes (BERGSON, 2005, p.178).

Assim, podemos compreender que a criação é apresentada por Bergson como uma superação de todas as necessidades vitais, não havendo mais um objetivo prático a ser alcançado, como no ato inteligente. A criação ultrapassa essas prioridades básicas e abre um campo de possibilidades para ideias novas, desprendidas do necessário. Ele afirma, “*Entre o efeito e a causa a desproporção é tão grande, aqui, que é difícil tomar a causa por produtora de seu efeito*” (BERGSON, 2005, p.190).

De acordo com nosso autor, de salto em salto o ser humano pode continuar evoluindo até que a fabricação de objetos, que hoje caracteriza nossa maneira de compreender e agir sobre o mundo, seja superada de tal forma que o homem já fabrique máquinas de fabricar que possam realizar o seu trabalho, libertando-o para a criação de algo que não tenha mais a funcionalidade objetiva, própria da inteligência humana. É assim, que para o filósofo, o homem pode superar a inteligência rumo à criação e “*superar-se a si mesmo*” (BERGSON, 2005, p.200).

Em uma das anedotas apresentadas a esse respeito, Bergson nos conta que para que a máquina a vapor tal como Newcomen a concebeu funcionasse, era preciso que uma pessoa fosse encarregada de manobrar as torneiras, para introduzir o vapor no cilindro e para ali jogar a água fria destinada a condensação. Para este trabalho eram utilizadas crianças, uma vez que suas estaturas eram compatíveis com o tamanho do cilindro. Uma delas resolve então, ligar por cordões as manivelas das torneiras ao balancim da máquina. Ele nos conta que,

desde então, a máquina abria e fechava suas torneiras ela própria; funcionava sozinha. Agora, um observador que tivesse comparado a estrutura dessa segunda máquina à da primeira, sem se ocupar das duas crianças encarregadas da vigilância, não teria

visto mais que uma ligeira diferença de complicação entre elas. É tudo que se pode perceber, com efeito, quando só se olham as máquinas. Mas se endereçamos um lance de olhos às crianças, vemos que uma está absorvida por sua vigilância, que a outra está livre para divertir-se a seu bel-prazer, e que, desse lado, a diferença entre as duas máquinas é radical, a primeira mantendo a atenção cativa, a segunda dispensando seus serviços (BERGSON, 2005, p.200).

E dispensada de seus serviços, ela está livre para criar, pois, para o filósofo a criação não é uma escolha entre possíveis pré-estabelecidos, como na ação inteligente, mas é a criação do novo, do que não preexistia à sua realização. Essa dinâmica criadora pode ser observada tanto na história do universo, que envolve o percurso de uma estrutura aparentemente simples de energia, condensada em um número gigantesco de diferentes espécies com suas estruturas e modos de funcionamento altamente complexos, quanto na história humana a partir da abertura para a criação de novidade, com as impressionantes realizações no campo das ciências, das artes, da moral e da religião. Daí porque, mais uma vez, o autor vai contra toda forma de determinismo. Ele entende que o futuro, tanto de um sujeito psicológico, quanto das várias formas de vida e, ainda, do universo como um todo, não poderia ser previsto, porque esse dinamismo interno criador, é em si mesmo indeterminado (BERGSON, 2005).

Contudo, é preciso questionar como, a um ser caracterizado pela inteligência que o acompanha, em que a dedução, a repetição do mesmo com o mesmo e a ação sobre o inerte na espera dos mesmos resultados, pode dar abertura suficiente para a passagem desse fluxo da vida e produzir novidade. Em outras palavras, como é possível ao ser humano limitado pela inteligência dedutiva, criar? Para o filósofo, a criação humana como superação da inteligência que o caracteriza, só é possível através da intuição.

Para defini-la, é importante lembrarmos que, como foi dito no início deste texto, na teoria de Bergson, todas as espécies partiram de um único impulso de vida. Assim, há uma franja sempre latente de tudo o que as espécies poderiam ter sido e abandonaram no caminho, ainda adormecida em todas elas. Em outras palavras, há sempre adormecido no animal instintivo algo de inteligente, bem como no ser humano há traços de instinto.

Isto é o que possibilitaria a inteligência limitada a repetir o mesmo na espera dos mesmos resultados, criar e apresentar novidade. A união de instinto e inteligência resultando em uma intuição criadora, é o que, na visão do estudioso, possibilita a ação criadora (BERGSON, 2005).

Desta forma, a intuição é antes de tudo, um esforço para inverter a marcha habitual de nosso pensamento, que nos levará a adentrar as coisas e a inverter a forma como as compreendemos para ir da realidade dos conceitos analisados pela inteligência, à uma metafísica que deve transcender estes conceitos para chegar ao conhecimento puro. A intuição, entrando no objeto, trará de volta algo único, algo que pertence somente àquele objeto e não a toda uma generalidade objetiva, por conseguinte, não será possível que se trabalhe com conceitos gerais, pois, “a intuição é a simpatia pela qual nos transportamos para o interior de um objeto para coincidir com o que ele tem de único e, consequentemente, de inexprimível” (BERGSON, 1988, p.134).

Desta forma, as considerações de Bergson a respeito da intuição artística, podem nos apontar alguns caminhos onde encontrarmos o método intuitivo. Ele considera que a ampliação do campo perceptivo do artista está relacionada ao fato de ele ser um “distraído”, um desapegado em relação às exigências do viver e do agir, pois, afinal, “as necessidades da ação tendem a limitar o campo da visão” (BERGSON, 1988, p.151).

À medida que seus sentidos e consciência são menos aderentes à vida, eles são capazes de olhar alguma coisa e a verem “por ela, e não mais por eles”, ou seja: “Eles não percebem mais simplesmente em vista do agir; eles percebem por perceber – por nada, por prazer” (BERGSON, 1988, p.152).

As diversas artes constituem-se como uma visão mais pura da realidade, e é porque “o artista pensa menos em utilizar sua percepção, que ele percebe um maior número de coisas” (BERGSON, 1988, p.152).

Desse modo, o artista é um privilegiado por possuir uma inclinação espontânea à distração, a qual lhe permite essa apreensão direta da realidade. É esse mesmo resultado, uma percepção mais completa da realidade, que pode ser alcançado por um esforço metódico que consista num certo deslocamento de nossa atenção. O que significa que o método intuitivo consiste em “desviar esta atenção do lado praticamente interessante do universo e de retornar para o que, praticamente, não serve para nada” (BERGSON, 1988, p.153).

É partindo desse princípio que Bergson nos diz que a existência no homem “de uma faculdade estética ao lado da percepção normal” demonstra que “um esforço desse gênero não é impossível” (BERGSON, 2005, p.178). Mas, isso não quer dizer que a atividade artística envolva um esforço que

possa ser caracterizado como metódico, ou seja, como aplicação de regras propiciadoras de um certo tipo de conhecimento, mas sim que a atividade do filósofo deve consistir numa “pesquisa orientada no mesmo sentido que a arte” (BERGSON, 1988, p.159), isto é, deve ser orientada para produzir a distração necessária à intuição.

É assim que, para Bergson, o filósofo, se torna uma espécie de artista da palavra, um escritor que faz com que o leitor se esqueça de que ele está lidando com palavras, justamente porque as torce, as modifica de tal maneira que sua expressão quase ultrapassa a cristalização que a linguagem confere ao pensamento. A este respeito, Leopoldo e Silva, em seu livro *Intuição e discurso filosófico*, esclarece,

o artista torce a linguagem, no limite com a finalidade, diz Bergson, de nos fazer esquecer que ele emprega palavras. Assim, é a própria capacidade de simbolizar, intrínseca à inteligência, que vai permitir de alguma forma a superação da cristalização simbólica que constitui a precisão abstrata do conhecimento analítico. Voltada para o esforço de traduzir o intraduzível, a inteligência se torna de alguma maneira consciente da “franja” intuitiva que a rodeia: procurará então vencer o obstáculo da linguagem com a própria linguagem, construindo com os símbolos um análogo de fluidez que ela não pode exprimir diretamente (SILVA, 1994, p. 96).

Esta citação nos remete a ilustração de Bergson de que quando me perco na obra de um escritor, me distraio da materialidade das palavras contidas, e me envolvo de tal forma em seu enredo que, nem que seja por um momento, me percebo envolvido em sua história, distante da materialidade real que me circunda (BERGSON, 2005). O que nos leva a ariscar que Bergson é o professor de seu próprio método, considerando que, através de seus exemplos e analogias, ele parece ousar quase que uma pedagogia da sua intuição, que nos convida a compreendê-lo, intuitivamente.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste estudo é possível concluir que Bergson compreende a evolução da vida como um movimento criador, que só pode ser entendido por uma intuição criadora que, além de compreender o movimento da vida, torna-se apta para criar e apresentar novidade de forma não dedutiva.

Em outras palavras, Bergson define a inteligência pelo seu poder de dedução e por sua forma prática de agir sobre o meio e, sobretudo, por aquilo que ela não é, ou seja, insuficiente para que possamos criar novidade. Por outro lado, a superação da inteligência é chamada por ele de intuição criadora, sendo esta, o resultado de nossos resquícios de instinto, sempre latentes em nós, por termos evoluído de um mesmo impulso vital.

Observando os exemplos citados pelo filósofo, podemos perceber que quando se refere a criação de obras de arte, música, ou mesmo a criação filosófica, Bergson está se reportando a um nível de entendimento que passa os limites expostos que caracterizariam a inteligência. Dito de outro modo, compreendendo a vida através da materialidade que nos possibilita a fabricação de algo estritamente voltado às nossas necessidades práticas, ligando sempre o antigo ao que repete, não estaríamos aptos, para compreender a vida e dar passagem ao movimento criador.

Assim, somente através da intuição, essa simpatia intelectual pela qual nos transportamos ao interior de um objeto para coincidir com aquilo que ele tem de único e, por conseguinte, de inexprimível, poderíamos compreender a origem e a evolução criadora da vida e também estaríamos em condições de produzir algo novo, uma vez que através da inteligência, ao contrário, estamos sempre condicionados a recortar e ligar o mesmo que se repete.

Com efeito, o impulso vital do qual partimos e os resquícios de tudo aquilo que poderíamos ser, se não tivéssemos evoluindo rumo a ação inteligente, é ao mesmo tempo o que nos faria evoluir rumo a uma intuição criadora, que faria com que não exprimíssemos mais uma coisa em função daquilo que ela aparenta ser, ou seja, apenas através da impressão que temos dela, mas faria com que pudéssemos observar a sua essência, superando nossa inteligência prática e dedutiva, rumo a intuição criadora.

REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. **L'Evolution Créatrice**. 80. éd, Paris: Presses Universitaires de France, 1957.

_____. **Mélanges**. Paris: PUF, 1972.

_____. Ensaio sobre os dados imediatos da consciência. Lisboa: Edições 70, 1988.

_____. **A evolução Criadora**; tradução Bento Prado Neto. – São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **O Pensamento e o movente: ensaios e conferências**. Tradução de Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FRANÇOIS, Arnauld. **Bergson, Schopenhauer et Nietzsche: volonté et réalité**. Paris: Presses Universitaires de France, 2008.

LEOPOLDO E SILVA, Franklin. **Bergson, proust: tensões do tempo**. In: NOVAES, Adalto. (Org.). Tempo e História. São Paulo: Schawarcz, 1992.

_____. **Intuição e Discurso Filosófico**. São Paulo: Loyola, 1994. (Coleção Filosofia).

VIEILLARD-BARON, Jean-Louis. **Comprender Bergson**. Tradução de Mariana de Almeida Campos. Petrópolis: RJ: Vozes, 2007.

WORMS, Frédéric. **Le Vocabulaire de Bergson**. Paris: Ellipses, 2000.